

“TODO PODER ÀS PUTAS!”: O COTIDIANO DAS TRABALHADORAS SEXUAIS DE PELOTAS

VANESSA AVILA COSTA¹; LOUISE PRADO ALFONSO²

¹Universidade Federal de Pelotas – vanessaavilacosta@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – louise_alfonso@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se da pesquisa de minha dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (área de concentração em Arqueologia) da Universidade Federal de Pelotas. Esta pesquisa foi motivada pela minha participação no Projeto de Extensão Mapeando a Noite: O Universo Travesti, coordenado pela Professora Doutora Louise Prado Alfonso, juntamente ao Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR), no Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA) da UFPel. Neste projeto, que está inserido no Projeto de Pesquisa Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas, tentamos compreender as vivências cotidianas das trabalhadoras sexuais (principalmente das travestis) e seus modos de conceber a cidade à noite, através de suas narrativas e materialidades. Concomitantemente a minha participação no projeto, a partir do entendimento das vivências das travestis na contemporaneidade, comecei a refletir sobre a prostituição em Pelotas no século XX, o que gerou o meu projeto de pesquisa de mestrado. Em minha pesquisa, estou compreendendo a construção da paisagem da cidade pelas mulheres trabalhadoras sexuais do passado e do presente, seguindo a perspectiva de uma Arqueologia da Paisagem. Por este viés, a paisagem como materialidade é socialmente construída, ao mesmo tempo em que constrói as relações sociais: atua na configuração das sociedades, imprimindo valores, normatizando e influenciando comportamentos, legitimando e naturalizando desigualdades, bem como exprimindo resistências (SOUSA, 2005, p. 295). Dessa forma, a paisagem é concebida a partir do conceito de margens, para pensar uma Arqueologia das Margens. Segundo DAS e POOLE (2008, p. 21), a margem está em continua negociação com o Estado (o centro), configurando relações de troca entre sujeitos e, portanto, não podem ser definidas, já que não são estáticas. Podem ser entendidas como o espaço entre os corpos, a lei e a disciplina, levando em conta que o poder soberano exercido pelo Estado não é exercido somente sobre o território, é exercido também sobre os corpos (p. 25). Uma Arqueologia das Margens reivindica, parafraseando AGIER (2015), o direito à paisagem pelos grupos que estão em processos de exclusão no contemporâneo da cidade. E, nesse sentido, é importante levar em conta que a situação de subalternidade em que eles se encontram no presente tem raízes não em um passado, mas em diferentes passados de opressão e, conseqüentemente, de resistências cotidianas, e que, não evocar esses passados é continuar silenciando-os (COSTA, no prelo). Meu intuito é desnaturalizar o que foi estrategicamente naturalizado e posto como norma, até os dias de hoje, e entender os diversos mecanismos que surgem paralelamente ao sistema capitalista e passam a atuar no controle e disciplinarização dos corpos das mulheres no meio citadino. Nesse sentido, a Arqueologia das Margens, apreendida através do olhar às paisagens como materialidade, possui um papel central na construção de narrativas sobre a vida cotidiana não só de mulheres trabalhadoras sexuais, mas também de outros grupos que, assim como elas, não estão presentes na narrativa oficial de patrimônio da cidade.

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi iniciada a partir de um levantamento documental acerca das antigas casas de prostituição do século XX, procurando em jornais da época, manchetes relacionadas às prostitutas que aparecem, fundamentalmente, nas páginas policiais. RODRIGUES (2015), ao se utilizar dos postulados de BEAUDRY (1988) e BEAUDRY et al. (2007), entende que a arqueologia documental é responsável por conceber documentos enquanto materialidade. Segundo a autora, para um estudo arqueológico de documentos, deve-se partir da análise das fontes escritas, não apenas como fornecedoras de dados, mas como material arqueológico, procurando atentar para o contexto da produção dessas fontes, sua época, onde elas estão inseridas e seus propósitos e não apenas às informações nelas contidas (RODRIGUES, 2015, p. 23). Também estão sendo realizadas etnografias com a população que conheceu as histórias dessas casas e das trabalhadoras sexuais da Pelotas do século XX. Segundo CASTAÑEDA (2008), a etnografia arqueológica é motivada pelo propósito ético e de responsabilidade da arqueologia com descendentes e grupos interessados em interpretar, expor, usar e gerir o passado arqueológico. Nesse sentido, as casas de prostituição do presente também serão mapeadas (sem mostrar a localização, considerando a questão ética deste trabalho), e nelas realizarei, mediante autorização, etnografias com as trabalhadoras sexuais, compreendendo também, a disposição arquitetônica das casas. O mapeamento das casas de prostituição, tanto do passado como do presente, será realizado a partir das ideias de INGOLD (2005) que entende que mapear é diferente de elaborar mapas. Para o autor, um dos sentidos de mapear é a narração ou recapitulação verbal de jornadas efetuadas (ou possivelmente o ensaio para jornadas a serem efetuadas) (p. 94). Para criar o mapa, seguirei as abordagens da Cartografia Social, a partir de Deleuze e Foucault, segundo as considerações de FILHO E TETI (2013). Como afirmam o autor e a autora, esta estratégia desenha não exatamente mapas no sentido tradicional do termo e sim diagramas, que não se referem à topografia, mas a uma topologia dinâmica, a lugares e movimentos de poder, traça diagramas de poder, expõe as linhas de força, diagrama enfrentamentos, densidades, intensidades (p. 47). Dessa forma, será possível compreender a paisagem em que as casas de prostituição estavam/estão inseridas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados parciais desta pesquisa, se deram, inicialmente, a partir das reflexões do Projeto de Extensão Mapeando a Noite: O Universo Travesti e da disciplina de Tópicos Especiais em Antropologia e Arqueologia, intitulada “Cidades e suas Margens: trajetos, percursos e mapas”, ministrada pela Professora Doutora Louise Prado Alfonso. Nesta disciplina, juntamente com colegas, realizei observações etnográficas à noite, mapeamos as ruas e os pontos das trabalhadoras sexuais, assim como as casas de prostituição. Ao caminhar, nos deparamos com travestis em algumas esquinas do chamado centro da cidade. Encontramos casas de prostituição com variados nomes, como Bangalô e Wiskeria, com letreiros que apresentam luzes neon, e também casas como o Bar das Coleguinhas que apresenta, na placa com seu nome, mulheres seminuas. Realizamos, desse modo, uma interpretação da ordem discursiva das fachadas. O Bar das Coleguinhas constrói seu marketing e propaganda na fachada, diferentemente das outras casas que não comunicam, explicitamente, ao transeunte, a sua associação com a prostituição, ainda que apresentem signos que transmitem a sua relação com o trabalho sexual. A sua própria configuração arquitetônica é diferente das demais casas. Estas apresentam muros e portas

com grades, que passam a imagem de “lugares fechados”, sendo mais discretas. Contrapondo-se à essas casas, o Bar das Coleguinhas estava com porta e janela abertas, o que permitia às pessoas que estavam passando pela rua a visão do que estava acontecendo em seu interior e também possibilitava escutar as músicas que estavam tocando. Também conversamos com a Mestra Griô Sirley Amaro que nasceu em 1936 na rua Major Cícero. Ela contou que, quando morava nesta rua, ali, já não era mais um lugar de “mulher da vida”, pois “já tinham tirado elas”, diferentemente da rua Doutor Cassiano, que a interlocutora lembra-se de haver polícia na esquina com a rua Andrade Neves, na sua infância, para vigiar e controlar o trabalho sexual. Ela também relata o preconceito que sofreu a ex trabalhadora sexual Julinha – moradora da rua Major Cícero até o seu falecimento – que, por ter sido “mulher atoa ou da vida” (como chamavam as prostitutas naquele tempo, segundo Dona Sirley) e também por estar com tuberculose, ela, quando criança, não podia brincar na sua calçada, assim como as outras crianças, havendo uma proibição por parte dos seus pais. Além disso, os pais de Dona Sirley passaram a morar na rua Major Cícero, logo depois que ela nasceu, porque a rua, ainda que se situasse no chamado centro da cidade, “era um lugar muito barato naquele tempo, porque era lugar de mulher da vida”, ainda que já tivessem “tirado elas” daquele local e, por isso, a rua “ficou com esse estigma”. A fala de Dona Sirley reflete os processos de higienização social na cidade de Pelotas, com as remoções das prostitutas dos locais que se configuram como o centro, para áreas tomadas como a periferia, a fim de invisibilizar as trabalhadoras sexuais. A partir das narrativas de Dona Sirley e da observação à noite, realizamos uma cartografia social sobre o trabalho sexual em Pelotas no passado, presente e futuro, mostrando as resistências cotidianas das profissionais do sexo na cidade, desde o começo do século XX, e reivindicando a regulamentação da prostituição no Brasil (uma das demandas das trabalhadoras sexuais na conquista por direitos), como um projeto de futuro. A pesquisa em jornais está sendo realizada, primeiramente, por estagiários/as do Projeto de Pesquisa “Uma Arqueologia Documental sobre a Prostituição na Pelotas Novecentista” do Liber Studium – Laboratório de Arqueologia do Capitalismo da Universidade Federal de Rio Grande (FURG), em parceria com o Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR). A pesquisa foi feita, até agora, através da análise do jornal “O Rebate”, referente aos anos de 1914 e 1915. Nesta pesquisa foi possível mapear, a partir dos jornais, as casas e os pontos de prostituição do século XX, bem como saber os nomes de algumas das profissionais do sexo que trabalhavam nestas casas. O jornal O Rebate do dia 12 de janeiro de 1915 (p. 2), traz uma notícia em suas páginas policiais que mostra que a Rua Doutor Cassiano era um ponto de prostituição – rua esta que também aparece nas narrativas de Dona Sirley sobre o trabalho sexual: “Tentou suicidar-se, hoje, às 2 horas da tarde, a mundana Albertina Lukewi (vulgo Polaca) residente à rua Dr. Cassiano, na casa de tolerância de Maria de Trote. A tresloucada rapariga ingeriu pequena dose de lysol. Quando o toxico começou o seu efeito, a infeliz bradou por socorro, sendo atendida pelas companheiras, que lhe deram, um antidoto, ficando fora de perigo. O motivo do “suicídio” foi “paixonite aguda”. Este jornal também apresenta inúmeras notícias relacionadas à denúncias de casas de prostituição na Rua Tiradentes, também chamada de Bairro Sujo por conta das várias casas ali situadas, entre as Ruas Padre Anchieta e Quinze de Novembro (no centro da cidade), nas proximidades do Mercado Público de Pelotas. Segundo Rago (2014, p. 126), tanto a prostituta como a casa de tolerância deveriam ser totalmente transparentes à vigilância panóptica da polícia de costumes e da polícia médica. Porém, isso não acontecia, já que as

trabalhadoras sexuais burlavam o ordenamento da cidade que visava o seu silenciamento. No passado, elas resistiram aos processos de gentrificação, em uma paisagem pensada para atuar na sua exclusão, e construíram Pelotas, assim como a fazem no presente e lutam pela regulamentação da prostituição. Como destaca a trabalhadora sexual Santuzza Souza “(...) Acabar com a prostituição é acabar com o sustento de milhares de famílias. Nós resistiremos e continuaremos vivas. E seguiremos lutando. Todo poder às putas!”

4. CONCLUSÕES

Destaco a importância de construir outras narrativas sobre Pelotas – uma cidade que só conta a história de homens brancos da elite, por meio do tombamento de casarões de uma elite charqueadora, que cresceu economicamente devido à escravização de negras e negros, privilegiando apenas um lado da história (ALFONSO; RIETH, 2016). Isto invisibiliza outras narrativas, como a das trabalhadoras sexuais. Por isso, a postura ética e o engajamento social desta pesquisa é fundamental para pensar a forma como a Arqueologia pode vir a dar visibilidade à elas, mostrando, a partir da materialidade, que este grupo tem histórias de passados que são construídos no presente, e que suas narrativas são importantes, pois elas fizeram e fazem Pelotas no cotidiano.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGIER, M. **Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro.** Mana, 21(3), 2015, 483-498.
- ALFONSO, L.; RIETH, F. Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga: a cidade enquanto Bem Cultural. In: **Patrimônios plurais: iniciativas e desafios.** SCHIAVON, Carmem; PELEGRINI, Sandra (org.). Editora da FURG, Rio Grande – RS, 2016.
- CASTAÑEDA, Q. The ‘ethnographic turn’ in archaeology: research positioning and reflexivity in ethnographic archaeologies. **Ethnographic archaeologies: reflections on stakeholders and archaeological practices.** 2008, p. 25-61.
- COSTA, V. **Arqueologia das Margens: pensando paisagens e fronteiras.** No prelo.
- DAS, V.; POOLE, D. El estado y sus márgenes. Etnografías comparadas. **Cuadernos de Antropología Social.** Universidad de Buenos Aires Buenos Aires, Argentina. n. 27, 2008, pp. 19-52.
- FILHO, K.; TETI, M. **A cartografia como método para as ciências humanas e sociais.** Barbarói, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45-59, jan./jun. 2013.
- INGOLD, T. **Jornada ao longo de um caminho de vida** – mapas, descobridor-caminho e navegação. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 25(1): 76-110, 2005.
- RAGO, M. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista, Brasil 1890 – 1930.** Paz e Terra, 4ª ed., São Paulo / Rio de Janeiro, 2014.
- RODRIGUES, M. **“A vida é um jogo para quem tem ancas”: uma arqueologia documental de mulheres escravas domésticas em Pelotas/RS no século XIX.** Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia - Instituto de Ciências Humanas / Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2015.
- SOUZA, A. **Arqueologia da paisagem e a potencialidade interpretativa dos espaços sociais.** Habitus, Goiânia, V. 3, N. 2, 2005, p. 291-300.